

# A doutrinação e seus métodos

Astolfo Olegário de Oliveira Filho  
De Londrina

**Necessidade de doutrinação** – Alguns espíritas, diz Herculano Pires <sup>(1)</sup>, pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos bons Espíritos no plano espiritual. Essa é uma prova de ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores permanecem apegados à matéria e à vida terrena, razão pela qual os Protetores Espirituais têm dificuldade de comunicar-se com eles. O seu envolvimento com os fluidos e as emanções ectoplásmicas próprias da sessão mediúnica lhes é, portanto, necessário, o que evidencia que a reunião mediúnica e a doutrinação humana dos desencarnados são uma necessidade. <sup>(2)</sup>

A morte não tem o poder de transformar ninguém. Cada Espírito, ao desencarnar, leva consigo suas virtudes e defeitos, continuando na vida espiritual a ser o que era quando ligado ao corpo, com seus vícios e condicionamentos materiais, dos quais se liberta pouco a pouco. Além disso, confundido pelas lições recebidas das religiões tradicionais, o Espírito não encontra no Além aquilo que esperava: nem céu, nem inferno, muito menos o repouso até o juízo final. Ao contrário, ele aí encontra a dura realidade espiritual, fundamentada na existência da lei de causa e efeito, onde cada qual se mostra como é, sem disfarces, falsas aparências ou o verniz social.

Sua condição espiritual determina sua aura psíquica e seu peso específico, frutos ambos da elevação maior ou menor de seus pensamentos, sentimentos e atos. Quanto mais elevados estes forem, mais rarefeito será seu perispírito, de modo que cada habitante do mundo espiritual se coloca em seu merecido e devido lugar, sem privilégios de qualquer espécie.

Os que se encontram em posição de perturbação por falta de esclarecimento adequado, ou por renitência no mal, necessitam ser orientados, para que, em se modificando mentalmente, melhorem sua condição espiritual. Como muitas vezes estão ainda cheios de condicionamentos materiais, tais Espíritos repelem a ação mais direta dos orientadores desencarnados, razão pela qual requerem um contato com os encarnados, naturalmente mais afeitos aos fluidos densos da matéria. É o que ocorre nas sessões mediúnicas.

Os orientadores desencarnados lhes falam, mas não conseguem atingi-los. Em contato, porém, com um médium, pelo fato de terem vibrações assemelhadas, há a possibilidade de entendimento. Surge, então, a doutrinação, que visa a modificar sua forma de pensar e de agir, buscando sua melhora.

Ensinando-lhes o caminho do bem e do perdão, despertando-os para a necessidade de renovação espiritual, ajudamo-los a descobrir o Evangelho de Jesus para a sua libertação integral. <sup>(3)</sup> É por isso que a doutrinação dos Espíritos desencarnados é de grande importância para apressar o progresso dos companheiros que estagiam no mundo espiritual, trazendo benéficos resultados para o mundo corpóreo. <sup>(4)</sup>

**Objetivos da doutrinação** – Diz-nos Edgard Armond <sup>(5)</sup> que as sessões de doutrinação de Espíritos objetivam esclarecer entidades desencarnadas a respeito de sua própria situação espiritual, orientando-as no sentido do seu despertar no plano invisível e o seu subsequente equilíbrio e progresso espirituais.

---

<sup>1</sup> “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 65 e 66.

<sup>2</sup> O caso Valentine Laurent relatado por Kardec na “Revista Espírita”, ano de 1865, págs. 4 a 19, comprova que nos processos de subjugação o magnetismo é por si só impotente para a reversão do mal, se a causa não tiver sido afastada, mostrando dessa forma a importância da doutrinação, assunto que o Codificador trata também em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XXVIII, no item 81 e na “Observação” ao final do item 84.

<sup>3</sup> Allan Kardec ensina, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. XXVIII, item 81, que é possível, por meio de instruções habilmente dirigidas, despertar o arrependimento e o desejo do bem nos Espíritos endurecidos e perversos.

<sup>4</sup> A lição extraída do caso Xumene, relatado por Kardec em “O Céu e o Inferno”, 2ª Parte, cap. VII, mostramos que devemos ter paciência na tarefa de regeneração dos Espíritos endurecidos, porquanto, como sabemos, o Espiritismo não torna perfeitos nem mesmo os seus mais crentes adeptos. “A crença é o primeiro passo; vem em seguida a fé e a transformação por sua vez”, adverte o Guia espiritual mencionado por Kardec na lição referida.

<sup>5</sup> “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, cap. IV, págs. 59 e seguintes.

Para facilitar o seu despertar ou o seu esclarecimento, Espíritos jungidos ao habitat terrestre por força da lei de afinidade são trazidos às sessões de doutrinação e aí ligados momentaneamente a médiuns de incorporação, com o que, no contato com os fluidos benéficos da corrente aí formada, acrescidos dos ensinamentos recebidos do doutrinador encarnado, logram quase sempre despertar e retomar o caminho do aperfeiçoamento espiritual.

Doutrinar Espíritos não é, porém, tarefa fácil, pois exige conhecimentos doutrinários bastante desenvolvidos e senso psicológico para que o doutrinador possa captar com rapidez a verdadeira feição moral do caso que defronta e, em consequência, encaminhar a doutrinação no devido rumo.

É necessário ainda ao doutrinador possuir paciência e bondade, humildade e tolerância, porque somente com auxílio dessas virtudes poderá enfrentar os casos mais difíceis em que se manifestam Espíritos maldosos, zombeteiros ou empedernidos.

Segundo observa André Luiz <sup>(6)</sup>, a pessoa envolvida nessa tarefa não pode esquecer que a Espiritualidade Superior confia nela e dela aguarda o cultivo de determinados atributos como os que se seguem:

- a) direção e discernimento;
- b) bondade e energia;
- c) autoridade fundamentada no exemplo;
- d) hábito de estudo e oração;
- e) dignidade e respeito para com todos;
- f) afeição sem privilégios;
- g) brandura e firmeza;
- h) sinceridade e entendimento;
- i) conversação construtiva.

A doutrinação, informa Herculano Pires <sup>(7)</sup>, existe em todos os planos, mas o trabalho mais rude e pesado é o que se processa em nosso mundo. Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo. Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos bons Espíritos. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar do seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar Espíritos quem tiver amor e humildade.

Dito isto, Herculano Pires observa, na mesma obra já citada, que é importante não confundir humildade com atitudes piegas, com melosidade. Muitas vezes a doutrinação exige atitudes enérgicas, não ofensivas nem agressivas, mas firmes e imperiosas. É o momento em que o doutrinador trata o obsessor com autoridade moral, a única autoridade que podemos ter sobre os Espíritos inferiores, que sentem a nossa autoridade e se submetem a ela, em virtude da força moral de que dispusermos. Essa autoridade, no entanto, só conseguimos adquirir por meio de uma vivência digna no mundo, sendo sempre corretos em nossas intenções e em nossos atos, em todos os sentidos, porquanto as nossas falhas morais não combatidas, não controladas, diminuem nossa autoridade sobre os obsessores.

**Métodos a serem utilizados** – Na tarefa de doutrinação dos Espíritos que se comunicam nas sessões mediúnicas não existe regra fixa, pois cada caso é único. Como a doutrinação não objetiva somente Espíritos sofrendores, mas igualmente Espíritos ignorantes que ainda permanecem em esferas de embrutecimento, e Espíritos maldosos que se devotam ao mal conscientemente, bem variado deve ser o modo de doutrinar uns e outros.

Há, entretanto, determinadas regras que não podem deixar de ser aplicadas nessa tarefa:

- a) receber com atenção e interesse as comunicações;
- b) ouvi-las com paciência e imbuído da melhor intenção de ajudar;
- c) envolver o comunicante em um clima de vibrações fraternais, dando oportunidade para que ele fale;
- d) estabelecer em tempo oportuno um diálogo amigável e esclarecedor;
- e) evitar acusações e desafios desnecessários;
- f) confortar e amparar através do esclarecimento;
- g) não discutir com exaltação tentando impor seu ponto de vista;
- h) não receber a todos como se fossem embusteiros e agentes do mal;

---

<sup>6</sup> “Desobsessão”, cap. 13.

<sup>7</sup> “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 66 e 67.

- i) ser preciso e enérgico na hora necessária, sem ser cruel e agressivo;
- j) evitar o tom de discurso e também as longas preleções;
- l) ser claro, objetivo, honesto, amigo, fraterno, buscando dar ao comunicante aquilo que gostaria de receber se no lugar dele estivesse.

André Luiz <sup>(8)</sup> atribui o serviço de doutrinação à equipe de médiuns esclarecedores, a quem ele sugere a observância da seguinte postura para o bom cumprimento de sua tarefa:

- a) guardar atenção no campo intuitivo, a fim de registrar com segurança as sugestões e os pensamentos dos benfeitores espirituais que comandam as reuniões;
- b) tocar no corpo do médium em transe somente quando necessário;
- c) cultivar o tato psicológico, evitando atitudes ou palavras violentas, mas fugindo da doçura sistemática que anestesia a mente sem renová-la, na convicção de que é preciso aliar raciocínio e sentimento, compaixão e lógica, a fim de que a aplicação do socorro verbalista alcance o máximo rendimento;
- d) estudar os casos de obsessão surgidos na equipe mediúnica, que devam ser tratados na órbita da psiquiatria, para que a assistência médica seja tomada na medida aconselhável;
- e) impedir a presença de crianças nas tarefas da desobsessão.

André Luiz <sup>(9)</sup> recomenda, ainda, a dirigentes e esclarecedores e a todos os que participam das reuniões mediúnicas, que tenham sempre em mente os 13 seguintes princípios:

1°. Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento.

2°. Esclarecimento aos desencarnados sofredores se assemelha à psicoterapia e a reunião é tratamento em grupo, na qual, sempre que possível, deverão ser aplicados os métodos evangélicos.

3°. A parte essencial ao entendimento é atingir o centro de interesse do Espírito preso a idéias fixas, para que se lhes descongestione o campo mental, sendo de todo impróprio, por causa disso, qualquer discurso ou divagação desnecessária.

4°. Os manifestantes desencarnados, seja qual for sua conduta na reunião, são, na realidade, Espíritos carecedores de compreensão e tratamento adequados, a exigir paciência, entendimento, socorro e devotamento fraternais.

5°. Cada Espírito sofredor deve ser recebido como se fosse um familiar nosso extremamente querido; agindo assim, acertaremos com a porta íntima através da qual lhe falaremos ao coração.

6°. Pelo que ouça do manifestante, o esclarecedor deduzirá qual o sexo a que o Espírito comunicante tenha pertencido na precedente existência, para que a conversação elucidativa se efetue na linha psicológica ideal.

7°. Os problemas de animismo ou de mistificação inconsciente que porventura surjam no grupo devem ser analisados sem espírito de censura ou de escândalo, cabendo ao dirigente fazer todo o possível para esclarecer com paciência e caridade os médiuns e os desencarnados envolvidos nesses processos.

8°. É preciso anular qualquer intento de discussão ou desafio com os Espíritos comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos manifestantes infelizes e obsessores.

9°. Nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo de imediato, porquanto em diversos casos a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente.

10°. Quando necessário, o esclarecedor poderá praticar a hipnose construtiva no ânimo dos Espíritos sofredores, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, com a projeção de quadros mentais proveitosos ao esclarecimento, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos manifestantes que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo.

11°. Não se deve constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, atentos ao preceito da espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio.

12°. O esclarecimento não deve se alongar em demasia, perdurando a palestra educativa em torno de dez minutos, ressalvadas as situações excepcionais.

13°. Se o manifestante perturbado se fixar no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o esclarecedor deve solicitar a cooperação dos benfeitores espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência espiritual especializada.

---

<sup>8</sup> "Desobsessão", cap. 24.

<sup>9</sup> Ibidem, cap. 32 a 37.

Nesse caso, a hipnose benéfica poderá ser utilizada para que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado e o afastamento dele seja efetivado.

Reportando-se aos casos em que os Espíritos comunicantes se mostram demasiado renitentes, a ponto de perturbar os trabalhos, sugere Herculano Pires<sup>(10)</sup> que aí o melhor a fazer é chamar o médium a si mesmo, fazendo-o desligar-se do Espírito perturbador. O episódio servirá ainda para reforçar a autoconfiança do médium, demonstrando-lhe que pode interromper por sua vontade as comunicações perturbadoras. O Espírito geralmente voltará em outras sessões, mas então já tocado pelo efeito da doutrinação e desiludido de sua pretensão de dominar o ambiente.

Hermínio C. Miranda<sup>(11)</sup> afirma que, no início, os Espíritos em estado de perturbação não estão em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária. Necessitam, então, de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. “A doutrinação virá no momento oportuno, e, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita”, esclarece Hermínio.

Divaldo P. Franco<sup>(12)</sup> concorda: “Não podemos ter a presunção de fazer o que a Divindade tem paciência no realizar. Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer a alguém que está em perturbação: *Você já morreu!* É muito difícil escutar-se esta frase e recebê-la serenamente”. E acrescenta: “A nossa tarefa não é a de dizer *verdades*, mas a de *consolar*, porque dizer simplesmente que o comunicante já desencarnou os Guias também poderiam fazê-lo. Deve-se entrar em contato com a Entidade, participar de sua dor, consolá-la, e, na oportunidade que se faça lógica e própria, esclarecer-lhe que já ocorreu o fenômeno da morte...”.<sup>(13)</sup>

A tarefa assemelha-se, assim, ao chamado atendimento fraterno que as Casas espíritas dispensam aos encarnados que as buscam, no qual é mais importante ouvir do que falar, idéia essa defendida pela conhecida médium e escritora Suely Caldas Schubert.<sup>(14)</sup>

A propósito do assunto, J. Raul Teixeira<sup>(15)</sup> sugere: “O doutrinador dispensará, sempre, os discursos durante a doutrinação, entendendo-se aqui discurso não como a linha ideológica utilizada, mas sim a falação interminável, que não dá ensejo à outra parte de se exprimir, de se explicar. Muitas vezes, na ânsia de ver as Entidades esclarecidas e renovadas, o doutrinador se perde numa excessiva e cansativa cantilena, de todo improdutiva e exasperante”. “O diálogo com os desencarnados deverá ser sóbrio e consistente, ponderado e clarificador, permitindo boa assimilação por parte do Espírito e excelente treino lógico para o doutrinador.”

Para Roque Jacintho<sup>(16)</sup> a paciência inscreve-se como uma das virtudes maiores de todos os que se dedicam à tarefa de doutrinação das entidades desencarnadas. “A paciência, diz ele, é filha do amor-sábio.” Por isso é que, envolvendo os nossos semelhantes com as vibrações de nosso amor, poderemos ouvi-los dissertar longamente sobre seus problemas, sem nos atirmos à empreitada de demoli-los ou censurá-los, pois sabemos que eles se levantarão um dia.

A ironia jamais nos açulará à ação de revide nem a ímpetos de agressão, porque acolheremos a nossa humilhação como degraus da escada evolutiva.

Saber ouvir será tão importante quanto falar.

Saber calar será tão urgente quanto redargüir.

Saber pacificar será tão importante quanto reagir.

Saber compreender será tão importante quanto ser compreendido.<sup>(17)</sup>

Concluindo, podemos afirmar que – seja qual for o método adotado – é preciso, para doutrinar, conhecer a Doutrina Espírita e ter uma conduta que seja a mais cristã possível, cientes todos nós de que Jesus opera por meio das pessoas que se dedicam ao bem, como Emmanuel observa na lição que se segue:

“Que os doutrinadores sinceros se rejubilem, não por submeterem criaturas desencarnadas, em desespero, convictos de que em tais circunstâncias o bem é ministrado, não propriamente por eles, em sua feição humana, mas por emissários de Jesus, caridosos e solícitos, que os utilizam

<sup>10</sup> “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, págs. 85 e 86.

<sup>11</sup> “Diálogo com as Sombras”, cap. II, págs. 68 e 69.

<sup>12</sup> “Diretrizes de Segurança”, questão n° 62.

<sup>13</sup> Ibidem, questão n° 62.

<sup>14</sup> Esse pensamento de Suely Caldas Schubert foi expresso em Seminário sobre Mediunidade por ela ministrado em 7 de outubro de 2000 no Centro Espírita Nosso Lar, em Londrina (PR).

<sup>15</sup> “Diretrizes de Segurança”, questão n° 63.

<sup>16</sup> “Doutrinação”, cap. 7, págs. 43 a 45.

<sup>17</sup> Ibidem, cap. 7, págs. 43 a 45.

à maneira de canais para a misericórdia divina; que esse regozijo nasça da oportunidade de servir ao bem, de consciência sintonizada com o Mestre Divino, entre as certezas doces da fé, solidamente guardada no coração".<sup>(18)</sup>

**Hábitos inconvenientes que devemos evitar** – Diversos autores têm chamado a atenção para os hábitos, os vícios e as práticas que precisam ser erradicados das sessões mediúnicas.

Edgard Armond<sup>(19)</sup> considera absolutamente inconvenientes as atitudes seguintes:

- a) exigir o nome do Espírito comunicante;
- b) crer cegamente no que diz o Espírito;
- c) o misticismo exagerado;
- d) a verborragia e o falatório inútil, que são próprios de Espíritos mistificadores e irresponsáveis;
- e) a agitação por parte dos médiuns que batem mãos e pés, bufam, gemem, gritam, contorcem-se durante a sessão;
- f) as preces lidas;
- g) estabelecer ordem para os médiuns darem passividade;
- h) conferir hegemonia a determinado médium;
- i) abertura e fechamento da sessão pelos guias;
- j) o uso de roupas e vestimentas especiais.

Emílio Manso Vieira<sup>(20)</sup> chama-nos a atenção para uma outra prática igualmente condenável, que é o afastamento dos Espíritos obsessores por meio da violência. Os dirigentes que assim procedem confundem energia serena, fruto da autoridade moral, com processos violentos de forças vibratórias. André Luiz nos mostra em "Libertação", cap. XIV, qual a maneira correta de agir nesses casos, reabilitando o obsidiado e conquistando o obsessor por meio de elucidações amoráveis e atitudes dignificantes.

Roque Jacintho<sup>(21)</sup> reporta-se a determinadas informações ou perguntas que alguns doutrinadores apresentam equivocadamente aos comunicantes, tais como:

"Você já morreu e não pode sentir dores."

"Ingresse nas escolas daí para aprender."

"Você está sofrendo muito?"

"Por que você não abandona aquela casa?"

"Você está doente. Procure um hospital."

"Por que você não perdoa?"

Há doutrinadores, adverte Roque Jacintho<sup>(22)</sup>, que entendem que acordar de súbito o Espírito comunicante para a realidade seja um benefício e, por isso, costumam informá-los, abruptamente, que já estão mortos. O resultado dessa atitude é, amiúde, a loucura que se instala nos infelizes que desconheciam a própria morte. Evitemos, portanto, ferir diretamente a questão da morte com os Espíritos que não sabem que já desencarnaram. Ofereçamos-lhes orientação, conduzindo os entendimentos dentro do âmbito de suas necessidades pessoais e, pouco a pouco, eles mesmos compreenderão o fenômeno pelo qual passaram.

Herculano Pires<sup>(23)</sup>, em apoio a essa idéia, observa que, se o doutrinador disser cruamente a esses Espíritos que eles já morreram, mais assustados e confusos ficarão. Devemos, pois, tratar o Espírito comunicante como se ele estivesse doente e não desencarnado. Mudando a sua situação mental e emocional, em poucos instantes ele mesmo perceberá que já passou pelo transe da morte e que se encontra amparado por familiares e amigos que procuram ajudá-lo.

---

<sup>18</sup> "Caminho, Verdade e Vida", cap. CXLV.

<sup>19</sup> "Trabalhos Práticos de Espiritismo", cap. V, p. 138 e segs.

<sup>20</sup> "Dirigentes de Sessões e Práticas Espíritas", cap. XIX.

<sup>21</sup> "Doutrinação", cap. 2 e 32.

<sup>22</sup> Idem, cap. 27.

<sup>23</sup> "Obsessão, o Passe, a Doutrinação", pág. 77.

# Abordagem a adotar na doutrinação

Astolfo Olegário de Oliveira Filho  
De Londrina

**Tipos de Espíritos comunicantes** – O doutrinador deve ler e reler, com atenção e persistência, a escala espírita constante de “O Livro dos Espíritos” a partir da questão nº 100, para bem se informar dos tipos de Espíritos com que se vai defrontar nas sessões. Essa recomendação feita por Herculano Pires <sup>(24)</sup> tem por fundamento o ensinamento transmitido pelo Espírito de Sócrates, constante do cap. XVI de “O Livro dos Médiuns”.

Segundo Sócrates, a escala espírita e o quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns – a que se refere o capítulo XVI de “O Livro dos Médiuns” – devem estar constantemente sob os olhos de todos os que se ocupam das manifestações, porque um e outra resumem todos os princípios da Doutrina Espírita e contribuirão, mais do que supomos, para trazer o Espiritismo ao seu verdadeiro caminho. <sup>(25)</sup>

Suely Caldas Schubert <sup>(26)</sup> organizou, com base na sua longa experiência na prática da mediunidade, uma lista de 17 diferentes tipos de Espíritos, tal como se apresentam nas reuniões mediúnicas, à qual acrescentou uma série de sugestões concernentes ao tratamento adequado a cada caso.

Eis a lista e as recomendações propostas pela confreira mineira, salientando-se que nas cinco primeiras situações os comunicantes devem receber também o socorro do passe:

1. *Espíritos que não conseguem falar.* Quatro podem ser as causas da mudez: problemas mentais que interferem no centro da fala, ódio, reflexo de doenças havidas antes da desencarnação e desejo de não deixar transparecer o que pensam. O passe e a prece ajudam muito os que, tendo tido problema de mudez quando encarnados, pensam que continuam mudos. Não se recomenda, em nenhuma das circunstâncias citadas, forçá-los a falar;

2. *Suicidas.* Como eles sofrem muito, cabe ao doutrinador socorrê-los, aliviando-lhes os sofrimentos através do passe. Precisam mais de consolo que de doutrinação;

3. *Alcoólatras e toxicômanos.* Nenhum resultado produz falar-lhes sobre a inconveniência dos vícios. Devemos falar-lhes sobre Jesus e o Evangelho, e, em caso de delírios, o passe é o meio de aliviá-los;

4. *Espíritos dementados.* Como não têm consciência de coisa alguma, devem ser socorridos com passes;

5. *Sofredores.* Deve-se aliviá-los através da prece e do passe. A maioria adormece e é levada pelos trabalhadores espirituais;

6. *Espíritos que desconhecem a própria situação.* É muito comum o Espírito ignorar que já desencarnou, mas há indivíduos que não têm condições de serem informados sobre a própria morte. A explicação deve ser feita com tato, dosando-se a verdade conforme o caso. Devemos antes infundir-lhes a confiança em Deus, a idéia de que a vida se processa em vários estágios, que ninguém morre – a prova mais evidente é ele estar ali falando – e que a vida verdadeira é a vida espiritual;

7. *Espíritos que desejam tomar o tempo da reunião.* Valem-se de vários artifícios para alongar a conversa e têm resposta para tudo. Não se deve debater com eles, mas sim levá-los a pensar em si mesmos. De um modo geral, costumam voltar outras vezes;

8. *Irônicos.* A ironia de que se utilizam torna difícil o diálogo. Procuram ferir o doutrinador e os membros do grupo com comentários e críticas mordazes. Não se deve ficar melindrado com isso, porque é exatamente o que desejam. Aceitando com humildade suas reprimendas, sem procurar defender-se, o esclarecedor fará com que fiquem desarmados. Conscientizá-los do verdadeiro estado em que se encontram, da solidão e da tristeza em que vivem, afastados dos seus afetos mais caros, eis o caminho a seguir no diálogo;

9. *Desafiantes.* O doutrinador deve encaminhar o diálogo atento a alguma observação que o comunicante faça e que possa servir de base a atingir-lhe o ponto sensível;

10. *Descrentes.* Dizem-se frios, céticos, ateus. O doutrinador tem, porém, um argumento favorável ao mostrar-lhes que, apesar do que pensam, continuam vivos e se comunicam através da mediunidade. Pode-se dizer-lhes ainda que essa indiferença resulta dos sofrimentos por que

<sup>24</sup> “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 72.

<sup>25</sup> “O Livro dos Médiuns”, cap. XVI, item 197.

<sup>26</sup> “Obsessão/Desobsessão”, Terceira Parte, cap. 12.

passam, mas que isso não os levará a nada de bom, e sim a maiores dissabores e a uma solidão insuportável. Não se deve tentar provar que Deus existe, mas, em primeiro lugar, tentar despertá-los para a realidade da vida. Depois, o doutrinador dirá, com bastante tato, que somente o Pai pode oferecer-lhes o remédio e a cura para seus males;

11. *Amedrontados*. É necessário infundir-lhes confiança, mostrando que naquele recinto eles estão a salvo de qualquer ataque, desde que também se coloquem sob a proteção de Jesus;

12. *Vingativos*. A vingança e o ódio perturbam os Espíritos vingativos, por isso é preciso levá-los a refletir sobre si mesmos, para que verifiquem o estado em que se encontram e o mal que o ódio e a vingança produzem nos indivíduos que odeiam e desejam vingança. O doutrinador, tendo sempre em mente a orientação dada por Allan Kardec no cap. 28, item 81, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, deve enfatizar que a força que eles tentam demonstrar se dilui ante o poder do amor que dimana de Jesus;

13. *Espíritos que auxiliam os obsessores*. Deve-se dizer-lhes que ninguém é chefe de ninguém e que o nosso único chefe é Jesus. O esclarecedor mostrará também o mal que estão praticando e do qual advirão sérias conseqüências para eles mesmos;

14. *Obsessores inimigos do Espiritismo*. Deve-se evitar comentários sobre religião, porquanto geralmente nossos adversários são ligados a outros credos religiosos. O diálogo deve ser em torno dos ensinamentos de Jesus, comparando-se o que o Mestre ensinou e as atitudes dos que se dizem seus legítimos seguidores;

15. *Galhofeiros e zombeteiros*. É preciso ter muita paciência com tais entidades, mantendo-se elevado o teor dos pensamentos. O diálogo buscará torná-los conscientes da inutilidade de sua atitude, mostrando-lhes que o riso encobre, comumente, o medo, a solidão e o desassossego;

16. *Espíritos ligados a terreiro e magia*. Muitas vezes estão vinculados a algum nome ou caso que esteja sendo tratado pelo grupo. O esclarecedor irá observar a característica apresentada, fazendo a abordagem correspondente;

17. *Mistificadores*. Há mistificadores que se comunicam aparentando ser um sofredor, um necessitado, com a finalidade de desviar o ritmo das tarefas e de ocupar o tempo. O médium experiente e o grupo bem afinizado os identificarão, mas é preciso para isso vigilância e discernimento. As vibrações do Espírito permitem ao médium captar sua real intenção. No momento da avaliação, após a reunião, o médium deve declarar o que sentiu e qual era o verdadeiro objetivo do comunicante.

Às sugestões de Suely Caldas Schubert acrescentamos algumas recomendações feitas por Edgard Armond<sup>(27)</sup> em sua obra:

I. *Espíritos portadores de moléstias*. Deve-se dizer-lhes que tais enfermidades são simples reflexos perispirituais de perturbações do corpo físico e que, para eliminá-las, basta que o sofredor as varra de sua mente pela vontade, use da prece para readquirir suas forças e se disponha a qualquer trabalho construtivo a bem do próximo;

II. *Espíritos inconscientes*, em período de readaptação ao novo meio. O recurso em tais casos são as preces e as vibrações fluídicas realizadas no ato pelos auxiliares do trabalho, verificando-se que muitas vezes o contato do sofredor com a corrente basta para o seu despertar;

III. *Suicidas*. A doutrinação deve visar, quando for possível, ao esclarecimento sobre o equívoco que é o suicídio, enfatizando-se que o corpo é o santuário do Espírito encarnado e elemento de imenso valor para a realização das provas necessárias à redenção espiritual neste plano, principalmente o resgate de dívidas pretéritas;

IV. *Portadores de perturbações psíquicas como tristeza, desânimo, manias, fobias etc.* Devem ser instruídos sobre o valor das atividades construtivas e da necessidade do seu despertar para as lutas do porvir.

**Resultados da doutrinação** – Os benefícios da desobsessão são incalculáveis. André Luiz<sup>(28)</sup> assevera: "Erraríamos frontalmente se julgássemos que a desobsessão apenas auxilia os desencarnados que ainda pervagam nas sombras da mente. Semelhantes atividades beneficiam a eles, a nós, bem assim os que nos partilham a experiência cotidiana, seja em casa ou fora do reduto doméstico e, ainda, os próprios lugares espaciais em que se desenvolve a nossa influência".

O referido autor espiritual mostra-nos, então, que a desobsessão areja os caminhos mentais e nos imuniza contra os perigos da alienação, estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós

<sup>27</sup> “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, cap. IV, págs. 65 e 66.

<sup>28</sup> “Desobsessão”, cap. 64.

e em torno de nós. Refere ele na mesma obra: “Através dela, desaparecem doenças-fan-tasmas, empeços obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão”.<sup>(29)</sup>

Os resultados da doutrinação dependem do ambiente formado pelos pensamentos do dirigente e dos participantes, da condição moral que o dirigente apresente para orientar os Espíritos e da própria condição espiritual da entidade, que pode aceitar ou não os conselhos e esclarecimentos que recebe. O resultado dependerá também dos métodos utilizados, que devem ser aplicados de acordo com a circunstância e a necessidade do momento.

Ensina Herculano Pires<sup>(30)</sup>: “A doutrinação espírita equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade-real que nos escapa, quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas”.

Visto que o objetivo da doutrinação dos Espíritos é o esclarecimento da entidade comunicante quanto ao seu estado transitório de perturbação, as causas de seus sofrimentos e a forma pela qual poderá encontrar a solução para seus problemas, o esclarecedor e todos os membros do grupo mediúnico são chamados a vibrar amorosamente em favor do Espírito comunicante, demonstrando solidariedade com o seu sofrimento e emitindo pensamentos de auxílio e apoio moral.

Depois de esclarecido e de haver aceito o novo caminho que se lhe abre, ele apresentará, sem dúvida, mudanças no seu modo de agir.

Se empedernido, mostrar-se-á tocado e sensível aos ensinamentos cristãos, buscando nova forma de encarar a vida; se revoltado, mostrar-se-á submisso à Lei suprema, que não é injusta com ninguém; se odioso, observará as conseqüências em si mesmo de sua semeadura infeliz e procurará dominar seus maus sentimentos; se desesperado, notará agora novas possibilidades de alcançar a paz através do trabalho e da fé ativa.

A doutrinação abre, assim, para os desencarnados um novo panorama de vida, onde novas atividades se descortinam, com possibilidades de trabalho, felicidade e progresso.

---

<sup>29</sup> “Desobsessão”, cap. 64.

<sup>30</sup> “Obsessão, o Passe, a Doutrinação”, pág. 71.